

A MARINHA EM JOGOS OLÍMPICOS¹

Da Redação

Às vésperas dos Jogos Olímpicos de 2008, em Pequim, é interessante verificar a participação de atletas da Marinha em outras edições desses Jogos.

Os arquivos disponíveis sobre o assunto não contêm informações detalhadas e precisas; mesmo recorrendo à Comissão de Desportos da Marinha e à *Revista Marítima Brasileira*, não foi possível apurar dados significativos.

Ainda assim, e com a intenção de mostrar à atual geração a participação de atletas da Marinha nos Jogos Olímpicos, recorreremos a arquivos pessoais.

A matéria apresentada a seguir não tem a pretensão de esgotar o assunto, mas sim de abrir o campo para artigos complementares.

O atleta em foco nesta matéria, além de ter representado o Brasil em uma Olimpíada com grande destaque – porta-bandeira da Delegação –, é colaborador permanente da *RMB* há duas décadas, contri-
buindo para levar aos leitores artigos de elevado valor para a História Marítima e a História do Brasil.

DEOLINDA OLIVEIRA MONTEIRO
Jornalista

A Marinha do Brasil e o esporte sempre
acaminharam juntos. Desde 1915,
quando foi fundada a Liga de Sports da
Marinha² – primeira entidade nacional de
direção do desporto militar –, o esporte

vem sendo encarado como atividade fun-
damental para a saúde e o desenvolvi-
mento dos integrantes da Força, seja no dia-a-
dia dos navios e das Organizações Milita-
res de terra, seja nas escolas e centros de

1 N.R.: A maior parte deste artigo foi baseada em entrevista com o Almirante-de-Esquadra Mário Jorge da Fonseca Hermes, com a participação do Vice-Almirante Luiz Edmundo Brígido Bittencourt, que, a pedido da direção da *RMB*, acompanhou a jornalista, com o intuito de extrair do atleta e de sua esposa, D. Alba Hermes, o que de mais interessante houvesse para trazer aos leitores.

2 N.R.: Na década de 1940, foi extinta, dando lugar ao Departamento de Educação Física da Marinha, posteriormente denominado Departamento de Esportes da Marinha. Essa organização funcionou em diferentes locais, até que, em 1971, a partir de convênio com o Ministério da Educação, teve início a construção das atuais instalações do Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes, o Cefan, no Rio de Janeiro. Em 1972, o Departamento foi desvinculado do Cefan, passando a chamar-se Conselho de Desportos da Marinha e, em 1975, recebeu a atual denominação de Comissão de Desportos da Marinha (CDM). Em 10 de abril último, as responsabilidades da CDM e do Cefan passaram a ser do Comando-Geral do Corpo de Fuzileiro Navais, e não mais da Diretoria-Geral do Pessoal da Marinha.

instrução que preparam aqueles que escolheram a carreira naval. Assim, a Marinha tem alcançado nesta área, através dos tempos, projeção tanto no País como no exterior.

Exemplos incontestes desta realidade não faltam, entre eles o Almirante Benjamim de Almeida Sodré, o Mimi Sodré do futebol da primeira década do século passado. Em sua brilhante carreira na Marinha, exerceu vários postos de comando, foi professor na Escola Naval e desempenhou importantes funções no Brasil e no exterior, publicando grande número de trabalhos técnicos. Como desportista, integrou a equipe do Botafogo entre 1908 e 1916 (em 1909, esse time deu ao clube o título de “O Glorioso”) e em 1922. De 1910 a 1916 participou também da Seleção Brasileira, tornando-se o símbolo do atleta eficiente e de elevado espírito esportivo.

Um pouco mais tarde, na década de 1930, a Liga de Sports da Marinha detinha os melhores nadadores de então. Até 1936, a entidade foi considerada a vanguarda da natação brasileira. Talvez a principal razão deste domínio tenha sido a contratação, pela Marinha, pelo período de um ano, em 34, do técnico japonês Takashiro Saito. O Japão dominou a natação masculina nas Olimpíadas de 32 e 36, e Saito comandou vários dos pupilos nipônicos campeões olímpicos. No Campeonato Sul-Americano de 1935, realizado no Rio de Janeiro, a maior esperança do Brasil era Manoel da Rocha Villar, veterano da Olimpíada de 32 e do Sul-Americano de 34 e apontado como o maior nadador brasileiro da década de 30. Ele foi recordista brasileiro de todas as distâncias do nado livre, dos 100 m aos 1.500 m. O segundo talento masculino no Campeonato de 1935 era Benevenuto Nunes, grande costista nacional na primeira metade dos anos 30. Benevenuto teve uma carreira simultânea com a de Manoel, passando pelas mesmas competições internacio-

nais. Os dois, juntamente com Isaac Moraes e Antônio Luiz dos Santos, o Mosquito, peitista, formavam quase que integralmente a elite da natação brasileira daqueles anos. O ponto comum entre os quatro era que todos eram marinheiros.

Ainda se pode citar o Almirante-de-Esquadra Henrique Aché Pilar, que foi campeão sul-americano de voleibol invicto em 1951, campeão carioca pelo Botafogo em 1948 (2ª Divisão) e 1949 (1ª Divisão), e também “inventor” do saque de costas para a quadra e da bola em cima da cabeça e da cortada do fundo, além da linha dos 3 metros. O atleta só não foi olímpico porque o voleibol não fazia parte da competição. Além do Almirante Aché, destacou-se também o Vice-Almirante Francisco Aripena Leão Feitosa, detentor de inúmeros recordes da Escola Naval e da Marinha e, ainda juvenil, antes de entrar para a Escola Naval, da posição de 3º colocado no Sul-Americano adulto de natação na sua especialidade, os 100 metros nado de costas.

Também na atualidade, integrantes do Corpo de Fuzileiros Navais vêm se destacando no esporte nacional e também em competições no exterior, especialmente na modalidade de atletismo. Exemplos são o Sargento Sebastião Ferreira da Guia (tricampeão individual na Ultramaratona Internacional de 24 horas de Roche La Moliere – França, em 2005, e 1º lugar na Ultramaratona 24 horas de Houston – EUA), o Cabo Sanderson Alves dos Santos (Medalha de Prata nos 400 metros com barreiras nos III Jogos Mundiais Militares, na Itália, em 2004) e o Sargento Carlos Alberto Silva (vencedor do XX Campeonato Sul-Americano de Pentatlo Militar, na Colômbia, em 2005).

Informações obtidas com integrantes da Comissão de Desportos da Marinha dão conta de que quatro militares competiram em Olimpíadas em épocas recentes: o Capi-

tão-de-Mar-e-Guerra Lessa Gomes (modalidade tiro – Moscou – 1980); o Capitão-Tenente Sílvio Aguiar (modalidade tiro – Moscou – 1980); o Cabo Evaldo Rosa (modalidade: atletismo – revezamento 4 X 400m – Los Angeles – 1984); e o Marinheiro Sidnei Telles (modalidade: atletismo – revezamento 4 X 400m – Barcelona – 1992).

Mas parece não haver dúvida de que, no século XX, o nome mais representativo da Marinha no esporte olímpico foi o do Almirante-de-Esquadra Mário Jorge da Fonseca Hermes. Jogador de basquetebol, Mário Hermes teve a honra de ser o porta-bandeira da delegação brasileira que participou das Olimpíadas de Helsinque (Finlândia), em 1952. Conduzindo o pavilhão nacional na cerimônia de abertura do evento, em 19 de julho daquele ano, o então primeiro-tenente, pivô da Seleção Brasileira de Basquetebol, deixaria para sempre marcado o nome da Marinha do Brasil no esporte nacional. “A emoção começou quando recebi a bandeira com a qual desfilei das mãos do Presidente Vargas, no Palácio do Catete, e teve seu auge quando desfilei com o pavilhão,



Jornal dos Sports de 28-7-1949

fardado e ostentando minhas recém-recebidas platinas de primeiro-tenente”. (Ver capa e contracapa)

A escolha de Mário Hermes para tão especial tarefa por certo não foi somente uma homenagem ao basquete brasileiro, meda-

lha de bronze na Olimpíada anterior (1948), em Londres. “Creio que o fato de ser eu um oficial da Marinha também pesou, pois essa era uma grande distinção na época”, diz. Além disso, o “gigante” Mário Hermes era figura sempre presente nos jornais de então, fosse por causa de seu 1,94 metro de altura ou de seu famoso “tapinha”, o toque que ele dava com uma das mãos para colocar a bola na cesta.

O fato é que Mário Hermes estava fazendo



Jornal dos Sports de 3-11-1948

uma bela carreira no basquete desde que começou a atuar, na década de 40, no Flamengo³. Nesse clube, fez parte da equipe decacam-peã carioca de 1951 a 1960 (ele esteve em cinco campeonatos). O time que começou a conquista histórica tinha ainda Zé Mário, Godinho, Tião Gimenez, Algodão, Marcello Alencar (governador do estado do Rio de Janeiro de 1995 a 1999), e depois Alfredo da Mota, Dobinha, Edson, Miltinho e Jamil Haddad (senador da República em 1983 e ministro da Saúde de 1992

a 1994). O técnico era Togo Renan Soares, o Kanela. Por essa época, Mário Hermes foi “cestinha”⁴ do Campeonato Carioca durante alguns anos. Em 1950, o campeão foi o Atlético do Grajaú (Mário Hermes estava em viagem de instrução no Navio-Escola *Saldanha da Gama*).

A seleção de basquete que foi a Helsinque, com o técnico Manoel Pitanga, obteve o 6º lugar⁵, tendo Mário Hermes feito 46 pontos em oito jogos. “Embora considere Pitanga um excelente técnico, creio que se



Cartão postal recebido por Mário Hermes, de seu amigo Brígido

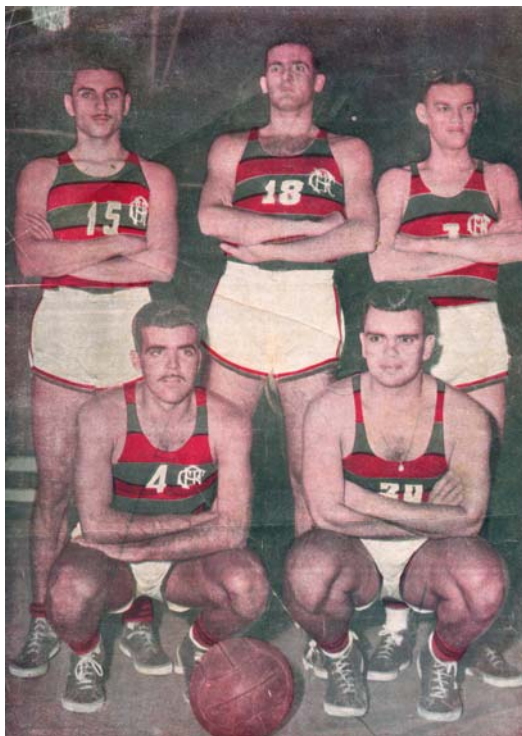
3 N.R.: Naquela época não havia profissionalismo no esporte, a não ser no futebol. Assim, Mário Hermes era absolutamente amador.

4 N.R.: O jogador que faz o maior número de pontos numa partida ou num campeonato.

5 N.R.: Resultados da equipe de basquetebol na Olimpíada de 1952: 25 de julho – Brasil 57 x 55 Canadá; 26 de julho – Brasil 71 x 52 Filipinas; 27 de julho – Brasil 56 x 72 Argentina; 28 de julho – Brasil 75 x 44 Chile; 29 de julho – Brasil 49 x 54 União Soviética; 30 de julho – Brasil 53 x 57 Estados Unidos; 31 de julho – Brasil 59 x 44 França; e 2 de agosto – Brasil 49 x 58 Chile.

Em 16 equipes participantes: campeão – Estados Unidos; vice-campeão – União Soviética; 3º lugar – Uruguai; 4º lugar – Argentina; 5º lugar – Chile; 6º lugar – Brasil; 7º lugar – Bulgária; 8º lugar – França.

Nações participantes em Helsinque: 69, ficando o Brasil em 23º lugar. Atletas: 4.955, sendo 519 deles mulheres, um recorde até então. O Brasil conquistou 3 medalhas: Ouro – Ademar Ferreira da Silva – Salto triplo (recorde olímpico e mundial); Bronze – José Teles da Conceição – Salto em altura; Bronze – Tesuo Okamoto – nado livre, 1.500 metros.



A excelente equipe do C. R. Flamengo de 1949.

Da esquerda para a direita:

Em pé: Zé Mário, Mário Hermes e Algodão
Agachados: Godinho e Alfredo

o técnico fosse o Kanela teríamos tido melhor sorte. Mas a Confederação Brasileira de Basquete vetou a indicação daquele que, seguramente, foi o melhor técnico de basquete do Brasil”, opina Mário Hermes. De fato, Kanela é considerado o maior treinador de basquete de seu tempo e responsável por uma verdadeira revolução na forma de jogar do Flamengo. Uma forma que redundou no até hoje inédito título de decacampeão. Em 193 partidas disputadas, o Flamengo venceu 189. Este time também conquistou os Campeonatos Sul-Americanos de 1953 e 1961. Mário Hermes e outros alunos da Escola Naval, entretanto, já inte-

gravam o time do Flamengo antes de 1951. O técnico da Escola, Ernesto Lenk⁶, era treinador do Flamengo e, em 1946, chamou alguns aspirantes da Marinha para compor a equipe do “Mais querido do Brasil”, equipe esta que, em 1947, sagrou-se campeã carioca da Segunda Divisão e, em 1948, da Primeira Divisão e na categoria Aspirantes. Nesse ano, o nome de Mário Hermes já se destacava no time; entretanto, o sonho de participar das Olimpíadas de Londres tinha que ficar de lado, devido a seus compromissos com a Escola Naval.

Pela Seleção Brasileira, Mário Hermes também participou de mais dois mundiais além das Olimpíadas de Helsinque: o II Campeonato Mundial de Basquete, em 1954, no Rio de Janeiro, quando da inauguração do Ginásio Maracanãzinho (vice-campeão); e os Jogos Pan-Americanos de 1951, em Buenos Aires, Argentina (medalha de bronze). Quando estava se preparando para o II Mundial de Basquete, Mário Hermes rompeu os ligamentos do tornozelo em um treino, sendo substituído, na partida de estréia, por Amaury Passos, que viria a se tornar uma das maiores expressões do basquete brasileiro, sendo, inclusive, bicampeão mundial. “Engraçado que quando Amaury chegou para integrar a seleção eu lhe disse, brincando, que um dia ele iria tirar o meu lugar, pois o achava muito bom. E a ‘profecia’ se concretizou”, lembra o Almirante, apontando Amaury como o seu ídolo no basquetebol.

As glórias na Seleção Brasileira e no Flamengo falam tão alto ao coração do atleta quanto as suas atividades esportivas na época de aspirante na Escola Naval, onde ingressou em 1944. Como já praticava basquetebol desde 1941, no Clube Central de

6 N.R.: Irmão da campeã de natação Maria Lenk.

Niterói, logo formou, ao lado de outros calouros, uma equipe de basquete que venceu todos os cinco campeonatos internos disputados ao longo do curso: do Curso Prévio (calouros) ao 4º ano. “Desta excelente equipe faziam parte também Sebastião Gimenez (também da Seleção Brasileira), Brígido, Maciel, Ênio, José Roberto e Geraldo⁷. A equipe da Escola tinha por base o time da turma de 44, que recebeu um inestimável reforço com Ornellas⁸, da turma de 1945. Eu gostava muito de jogar pela Escola Naval”, emociona-se, lembrando que, quando de seu ingresso na Escola, as competições esportivas externas estavam proibidas e só recomeçaram com a disputa anual com a, na época, forte equipe do Tijuca Tênis Clube, em 1949. “Era uma verdadeira festa! Nela nossa torcida se destacava, com os gritos de guerra e os ‘rasga seda’. Só conseguimos vencer o Tijuca no meu último ano da Escola. Naquela época eu já integrava a fortíssima equipe do Flamengo, ao lado do Ornellas. Em 1948, Brígido jogava no aspirante do Fluminense, José Roberto no do Tijuca, Ênio no Botafogo e Maciel no Flamengo.”

Daqueles tempos, Mário Hermes guarda especialmente na memória um jogo-treino com a seleção brasileira, no ginásio da Escola Naval, “onde éramos imbatíveis. Antes do início da partida, o Capitão-Tenente Paquet⁹, oficial bastante rigoroso, pediu ao Corpo de Aspirantes, que lotava as dependências do ginásio, que torcesse pela Seleção Brasileira. Com o correr do jogo, a

equipe da Escola Naval começou a oferecer resistência à seleção. Pouco a pouco a torcida de aspirantes começava a desobedecer às ordens do Tenente Paquet. Passamos na frente e ganhamos o jogo. O ginásio veio abaixo, liderado pelo Tenente Paquet”, conta, com a risada que caracteriza seu reconhecido bom humor.

A rotina de Mário Hermes e dos outros integrantes do time de basquete naqueles anos de Escola Naval era de treinos diários, inicialmente apenas para a disputa com o Tijuca. Algumas vezes as equipes do Flamengo e do Vasco da Gama iam treinar com o time da Escola e os integrantes deste também saíam à noite para treinar em São Januário, sede do Vasco. “O esporte não atrapalhava os estudos, muito pelo contrário. Nosso rendimento escolar era muito bom”, atesta.

Na Escola Naval, onde considera ter vivido os melhores momentos de sua vida, Mário Hermes praticava não só o basquete, mas quase todos os esportes, como vôlei, atletismo, natação e *waterpolo*. Em 1946, venceu a corrida rústica, que disputava pela primeira vez, quando o favorito era o seu colega Brígido¹⁰. Na turma de 44, lembra, “toda a ‘banda’¹¹ praticava esportes, a começar pelo chefe de classe, o Blower¹², que fez parte da equipe brasileira vice-campeã de atletismo no Campeonato Sul-Americano realizado no Rio de Janeiro em 1946, no revezamento 4 x 400 metros. Creio que o bom desempenho da Marinha nos esportes se deveu sempre aos treinos diários e à preparação e superioridade física dos alunos”, avalia.

7 N.R.: Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN) Sebastião Gimenez, Vice-Almirante Luiz Edmundo Brígido Bittencourt, Almirante-de-Esquadra Walter Faria Maciel, os Capitães-de-Fragata Ênio de Azevedo Tavares e José Roberto Cardoso e o Aspirante Geraldo Gomes da Silva.

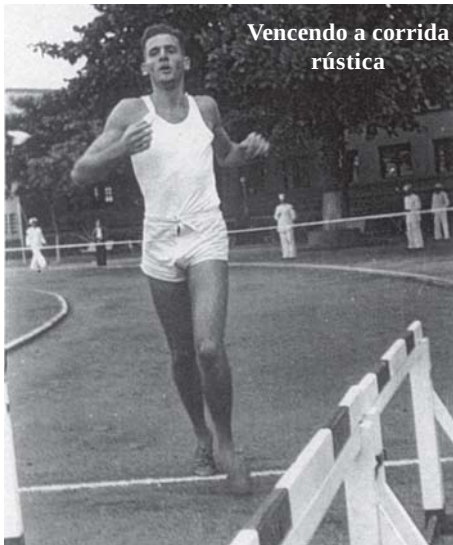
8 N.R.: Capitão-de-Mar-e-Guerra Geraldo Ornellas de Souza.

9 N.R.: Carlos Roberto Perez Paquet, comandante de Companhia e encarregado de Esportes.

10 N.R.: De 1977 a 1980, o então Contra-Almirante Brígido teve o privilégio de comandar a Escola Naval.

11 N.R.: “Banda” – os alunos mais bem classificados da turma.

12 N.R.: Almirante-de-Esquadra Bernard David Blower.



É com carinho e entusiasmo que o Almirante Mário Hermes recorda a primeira Competição Mackenzie-Escola Naval (1ª Mac-Nav), realizada em 1946 e vencida pela Escola. “Nossa equipe de basquete brilhou ao derrotar a forte equipe do Mackenzie, liderada por Massenet, da Seleção Brasileira, e que desembarcou na Escola alardeando vitória. Disputei também partidas de basquetebol contra a Escola de Aeronáutica, no ginásio do Fluminense, e de basquete e vôlei contra a Academia Militar das Agulhas

Negras, do Exército, no campo do Tijuca. Vencemos os três jogos. O duelo das torcidas era empolgante e a todos entusiasma-va. Porém esses eram outros tempos na bela e outrora tranqüila capital da República. Tempos que só me resta recordar.”

O Almirante Brígido dá um exemplo de lealdade e espírito esportivo de Mário Hermes: “Era um verdadeiro desportista, absolutamente leal em suas disputas, chegando ao exagero de ser cavalheiro com quem estava competindo”.

Continua o Almirante Brígido:

“Nos campeonatos internos da Escola Naval, éramos – Turma de 44 – favoritos praticamente, em todos os esportes.

Na competição de atletismo de 1946 (ou 1947), eu era o favorito para as corridas que classificávamos “de fundo”, isto é, 800 metros rasos, 1.500 e 3.000, favoritismo confirmado nas duas últimas.

Embora não gostando de “dar voltas na pista” em torno do campo de esportes, a turma conseguiu convencer Mário Hermes a participar das corridas de fundo, reforçando a favorita Turma de 1944.

A prova de 800 metros não era minha melhor prova, mas, às vezes, dava para ganhar.

A turma rival – a de 1946 – colocara na raia Hercel, um grande atleta. Era um pouco mais que três voltas pela antiga pista de carvão. Como sempre, pulei na frente e liderei o pelotão até o início da última curva que antecede uma pequena reta de menos de 60 metros.

Entramos, eu, Mário Hermes e Hercel, cada um nos pés daquele que o antecedia. A torcida de camiseta branca (a minha e a do Mário Hermes) gritava e pulava, numa manifestação extraordinária! Mário Hermes tinha reservas para me passar, mas (inexplicavelmente, no meu modo de pensar) não quis me tirar o prazer da vitória, tal era o espírito de 1944.



Time de voleibol do 3º ano da Escola Naval

Mas a verdade é que a animação extraordinária da torcida de nossos colegas de turma não era por uma dobradinha que estaria se realizando dali a alguns segundos, mas para alertar-nos que Hercel vinha dando sua arrancada final rendendo mais do que eu, e assim colocou-se por fora, passando-nos. Quando Mário Hermes viu a realidade, quis reagir – ele tinha reserva para isso –, mas era tarde.

Resultado: Hercel vencedor, Mário Hermes em segundo lugar e eu em terceiro, todos os três quebrando o recorde escolar.

Assim também era Mário Hermes: um atleta, um esportista, um companheiro, um amigo.”

No mesmo Rio de Janeiro, porém já nem de longe tranqüilo, o Almirante, 60 anos depois, reviveu um pouco da alegria que o esporte lhe proporcionou durante quase toda a sua vida. Nos XV Jogos Pan-Americanos, o Pan 2007, ele carregou a tocha olímpica quando da chegada desta à cidade, em revezamento com outros tantos atletas das diversas modalidades. (Ver 3ª capa)

Mário Hermes participou do basquete não só como atleta, mas também na sua administração. Chefiou, após ter passado para a reserva, as delegações brasileiras de basquetebol nos “Good Will Games” em Seattle, nos EUA; no Campeonato Mundial na Argentina; no Campeonato Sul-Ameri-

cano no Equador; e na Copa América de Basquete no México.

Recordar as alegrias no esporte e se dedicar a pesquisar e escrever sobre assuntos ligados à História Militar-Naval fazem parte, hoje, da rotina do Almirante Mário Hermes, sempre assessorado pela esposa Alba, entusiasta da carreira de desportista e de militar do companheiro de 56 anos de vida em comum. No simpático apartamento onde vive o casal, em Niterói (cidade que o carioca Mário Hermes, sobrinho-bisneto do Presidente Deodoro da Fonseca [1889-1891] e sobrinho-neto do Presidente Hermes da Fonseca [1910-1914], adotou como sua, ainda menino, e da qual recebeu o título de Cidadão Niteroiense), o Almirante dedica, atualmente, boa parte de seu tempo traduzindo e pesquisando textos para a série “O Japão, Pearl Harbor e a Saga do Almirante Kimmel”, que vem sendo publicada pela *Revista Marítima Brasileira* desde o 2º trimestre de 2003. Na revista, o articulista também já publicou a série “Os militares e a política no Brasil”¹³, além de outros trabalhos. “Creio que minha experiência e a de outros homens do mar servem para mostrar às novas gerações que estudo e esporte são plenamente conciliáveis, e mesmo importantes como complemento um do outro”, ensina. Para confirmar, basta que se relembrem os sucessos da Marinha no esporte desde o início do século passado até os dias de hoje.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<EDUCAÇÃO>; Esporte; Escola Naval; Educação Física; Preparo do homem;

13 N.R.: A série “Os militares e a política no Brasil” consta de cinco partes relativas ao período do Império e 39 partes da República, estas abrangendo de 1889 a 1900. Toda a série, disponível em CD, foi publicada na revista desde o 1º trimestre de 1990 até o 3º trimestre de 2002. A direção da RMB pretende retomar a série até o final deste ano, por julgar que é matéria da maior relevância para a História do Brasil.